

Ara votiva a Júpiter encontrada em Sabrosa

Há cerca de sete anos, durante os trabalhos de restauro da casa da Sr.^a D. Maria Margarida Barros Cruz, na rua do Bairro, em Sabrosa (do Douro), foi encontrada uma curiosa «pedra escrita» pelos pedreiros que ali trabalhavam.

Fizeram-na saltar duma janela da cozinha que se pretendia alargar e, se não fossem os cuidados daquela senhora, teria sido de novo incorporada na parede, perdendo-se, assim, um documento que poderá ser de alguma importância para o estudo da romanização em Trás-os-Montes.

No mês passado, fomos alertados pelo professor António Manuel Soares, natural de Sabrosa e de há muito vivamente interessado pela cultura do seu concelho, para a existência daquela ara. Imediatamente a procurámos observar, no que fomos pronta e simpaticamente atendidos pela sua possuidora.

Tratava-se, efectivamente, de uma pequena ara talhada num granito de grão grosso e dedicada a IOVI, ou seja, a Júpiter, o deus supremo dos romanos. Fizémos dela um rápido desenho, copiámos a epigrafia e, por nossa vez, informámos do achado o Prof. Doutor Santos Júnior, nosso estimado mestre e companheiro de lides arqueológicas, nestes últimos vinte anos, tanto por aqui como por terras de Angola.

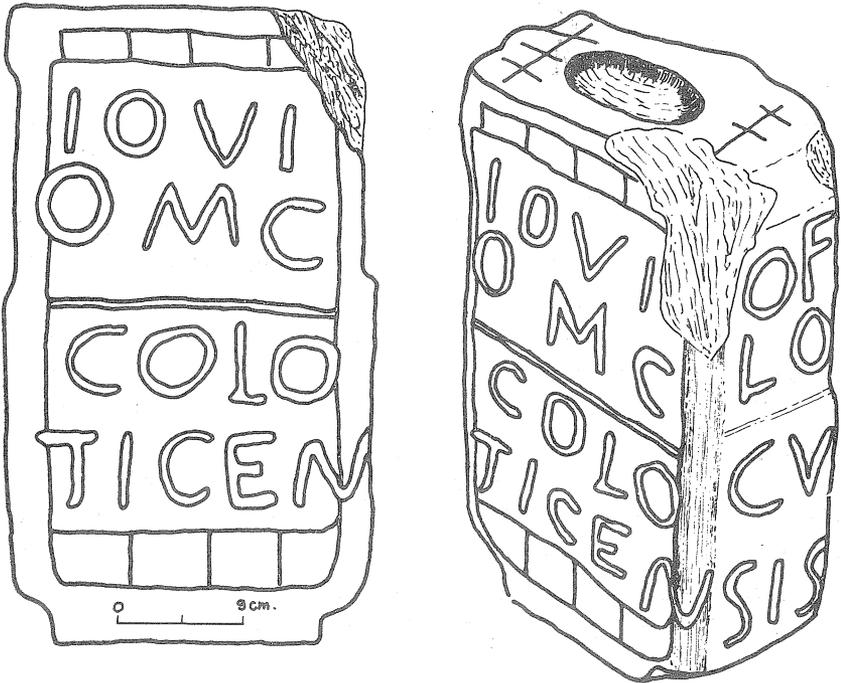
A ara tem, à primeira vista, a forma simples de um paralelepípedo de secção rectangular com 46 x 27 x 13 cm de dimensões, com duas faces gravadas, a anterior e a lateral do seu lado esquerdo.

As letras gravadas são todas maiúsculas do alfabeto latino, com alturas variando entre 5 e 9 cm.

No topo superior a face apresenta-se escavada no centro, formando um *foculus*, de forma elíptica, com 10 cm de comprimento e 6 cm de largura, e 1 cm de profundidade. Este *foculus* tem, de cada lado, como motivo ornamental, dois sulcos incisos

de frente para trás e interceptados por três pequenos traços incisos perpendicularmente aos primeiros.

O vértice esquerdo deste topo sofreu qualquer pancada que o trincou parcialmente.



O topo inferior, ou base, tem um «pé» de secção rectangular, com 3 cm de altura e que serviria para fixar a ara ao chão.

As faces laterais da ara não são rectilíneas como pareciam de início. Um pouco abaixo do topo superior inflectem para dentro e a ara adelgaça ligeiramente, mas antes de se chegar ao meio da sua altura, inflectem novamente para fora, aumentando novamente a largura da ara. Já perto do topo inferior

as duas faces laterais inflectem para dentro e continuam-se na base rectangular, ou pé, atrás mencionado.

A face anterior apresenta na periferia um rebordo ou moldura que enquadra o campo epigráfico. Este rebordo ou moldura tem em cima quatro riscos incisos verticalmente e, em baixo, apenas três, também verticais, que se destinam, certamente, a embelezar a face principal da ara.

O campo epigráfico desta face está dividido em duas partes iguais, por um sulco transversal.

Na parte superior com 16 x 21 cm, lê-se perfeitamente

I O V I
O M C

com o «O» da segunda linha parcialmente inciso no rebordo do lado direito.

Na parte inferior, igualmente com 16 cm de alto por 21 cm de largo, também se pode ler perfeitamente

C O L O
T I C E N

estando o «N» encavalitado no rebordo do lado esquerdo, dando a entender que o lapicida concluiu a palavra na face adjacente.

Na face lateral esquerda da ara, com um campo epigráfico medindo 38 cm de alto por 13 cm de largo, vêem-se gravadas, de alto a baixo, as seguintes letras

O F
L O
C V
S I S

Nesta face lateral não existe qualquer sulco transversal que divida a face da pedra numa parte superior e numa infe-

rior. O que se nota é apenas o vinco resultante do ressalto da superfície da ara naquela face, que perto do meio da sua altura inflecte um centímetro para o lado de fora.

A ara pareceu-nos votiva a Júpiter, com os seus epítetos O(ptimo) M(aximo) C(onservatori). Porém, o P.^o João Parente, delegado do IPPC em Vila Real e arqueólogo de reconhecido mérito, a nosso pedido fez o seguinte estudo da epigrafia:

Inscrição:

IOVI OF
OMC LO
COLO CV
TICENSIS

Leitura:

IOVI O(*pimorum*) F(*eretrio*)
O(*ptimo*) M(*aximo*) CLO(*dus*)
COLO(*nus*) C(*oloniae*) V
TICENSIS.

Interpretação:

A Júpiter, Ferétrio dos *spolia opima*
Optimo Máximo (dedica) Clodius
Colono da colónia u-
ticense.

O P.^o João Parente justifica a sua interpretação do seguinte modo:

«Uma vez que na última linha se lê indubitavelmente TICENSIS, também as anteriores devem, por mais insólito que pareça, ter igual leitura, considerando-as prolongadas nas duas faces da lápide.

«Assim, OF são abreviaturas, ou de *opus fecit*, ou de *opimorum Feretrio*, referindo-se, na segunda hipótese, que parece mais lógica, a um dos epítetos de Júpiter Capitolino

relacionado com a família *Clodia*, representado na figura de um guerreiro carregando despojos de guerra, aludindo ao famoso *Marcus Clodius Marcellus*, que matou em combate singular o chefe gaulês *Virdomarus* e entregou os despojos do vencido a Júpiter Ferétrio. Com esta interpretação concorda o nome do dedicante — *Clodius* — escrita alternativa de *Claudius*.

«Na terceira linha aparece claramente a palavra COLO, uma das várias abreviaturas de *colonus*, aliás confirmada pelo C subsequente, abreviatura de *coloniae*, redundância não rara na epigrafia latina, por sua vez em claro contexto com a palavra seguinte, que nos dá o gentílico *uticensis*.

«Útica, fundada pelos tírios em 1.100 a.C., foi a cidade mais antiga do Norte de África e a mais importante, depois de Cartago, constando na lista das 101 colônias romanas (1).

«Augusto conferiu-lhe as honras de *civitas* e tornou-se colônia no tempo de Adriano.

«Não é de admirar que um colono uticense viesse lá da longínqua *Zeugitana* à procura da famosa terra do ouro e do mais apreciado vinho. Com efeito, outra lápide encontrada na igreja de Santa Maria da Ribeira, perto da Estação do Vesúvio, também na região duriense (2), ou segundo outros, achada na aldeia da Torre do Pinhão, do próprio concelho de Sabrosa (3), foi dedicada por três irmãos à *Deusa Tutela Tiriense*, uma das divindades protectoras da antiquíssima Tiro, cidade metrópole de Útica.

«Parece que estas duas lápides se relacionam e nos falam das relações então havidas entre as florescentes províncias de África e a região meridional da Galécia, intercâmbio aliás demonstrado pelas moedas cunhadas em Cartago e Alexandria que por aqui aparecem».

É natural que outras leituras se possam fazer. Ficamos à espera que os especialistas se pronunciem.

Esta ara de Sabrosa, votiva a Júpiter, é a 18.ª descoberta em Trás-os-Montes. Até aqui tinhamos 15 dedicadas a *Jupiter Optimo Máximo*, encontradas nos seguintes locais: Castanheira, Tronco, Chaves, Travanco, Vinhais, Friães, Vila Pouca

de Aguiar, Babe, Vilarelho de Três Minas, Ribeira de Pena, Vilar de Maçada, Sant'Ana de Riba Longa, Mouçós, Moncorvo e Val-Telhas.

A *Jupiter (Optimus Maximo) Conservador*, conservador ou protector dos homens, existia uma ara encontrada entre Carviçais e Martim-Tirado (Moncorvo) e a árua de Lagoaça (Freixo de Espada-à-Cinta).

1. Cf. Eckhel e Mionnet, *apud Seth William Stevenson, F. S. A., A Dictionary of Roman Coins*, London, 1964, pág. 228.
2. Cf. Mário Cardoso, *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmiento*, 2.^a edição, Guimarães, 1972, pág. 41.
3. Cf. José d'Encarnação, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, pág. 294 e segs.

CARLOS ERVEDOSA *

Investigador do IUTAD e sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

* 5060 Sabrosa.

33.^a Campanha de trabalhos no Castro de Carvalhelhos Agosto — 1984

No dia 6 de Agosto abalei do Porto às 8 horas e meia, cheguei a Carvalhelhos à meia tarde.

Persiste a dificuldade de se conseguir pessoal jornaleiro. Nem na aldeia de Carvalhelhos nem na de Bêça, tampouco na de Lavradas consegui pessoal jornaleiro, para trabalhar no Castro duas semanas.

No dia 9 consegui dois rapazes para continuarem a escavar o fosso n.º 1 da vertente do lado poente, que corre paralelo à 2.^a muralha.

A Empresa de Carvalhelhos cedeu-me dois homens, seus empregados, para pôr em cima da muralha as pedras do para-